



CIÊNCIA PARA TODOS: A EXPOSIÇÃO DE PARIS DE 1889* EM REVISTA

Alda Heizer**

Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro/MMA
aldaheizer@jbrj.gov.br

RESUMO: A Exposição de Paris de 1889, objeto de reflexão de historiadores brasileiros, franceses e de outras nacionalidades, pode ser “visitada” através dos periódicos franceses do final do século XIX. Elegemos como objeto de análise aspectos da museografia da Exposição de Paris de 1889, presentes na *Revue Scientifique* (*revue rose*).

PALAVRAS-CHAVE: História da Ciência – Exposições de Paris de 1889 – Periódicos

ABSTRACT: The Paris Exhibition of 1889, subject of study by Brazilian and foreign historians can be “visited” through late French XIX century periodicals. We chose as object of analysis aspects of the museography of the Paris Exhibition of 1889, available on *Revue Scientifique* (*Revue Rose*).

KEYWORDS: Paris Exhibitions of 1889 – History Science – Periodicals

Ninguém permanece estranho ou indiferente ao conhecimento dos elementos gerais das ciências, porque cada um participa das suas vantagens; porque cada um é chamado continuamente a tirar partido de suas aplicações. Em nossos dias, a ciência intervém em tudo.

Louis Figuier, 1856

* O Brasil participou do evento que comemorava o centenário da República expondo, entre outros objetos, um instrumento científico, um teodolito, construído numa oficina de ótica na cidade do Rio de Janeiro. Uma análise mais aprofundada sobre as dimensões desta exposição e do significado de se expor um instrumento científico foi realizada em minha tese de doutorado “Observar o Céu e medir a Terra. Instrumentos científicos e a Exposição de Paris de 1889”, em 2005, no IG/Unicamp.

** Historiadora com doutorado em Ensino e História da Ciência pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Ao examinarmos os temas dos periódicos que circularam na França, na segunda metade do século XIX, constatamos que um dos mais abordados foram as Exposições Universais; especialmente a exposição francesa de 1889.

O diário **Le Figaro** publicou um número especial sobre o evento: **Le Figaro Exposition**. Outros periódicos, memórias, relatórios, catálogos e revistas como a **Revue de L'Exposition Universelle** de 1889, dedicaram número especial a estas comemorações, demonstrando dados importantes. Ali se vê retratado não apenas o Império do Brasil, dentro do imaginário francês,¹ como suas matérias servem de fonte documental sobre as concepções de ciência, progresso e civilização atreladas aos textos.

A imprensa, na França na Corte do Rio de Janeiro, teve papel fundamental nos debates acerca de assuntos como a participação do Brasil na Exposição de Paris de 1889 e a Abolição da escravidão no Brasil.

A **Revue Scientifique (revue rose)** (1885-1959), foi lida durante toda a segunda metade do século XIX, assim como as **La Nature, La Terre, Les Sciences Populaires, La Science Pour Tous**, só para citar algumas das cerca de 74 revistas desta natureza em circulação na França no período em estudo.

É notável o número de editores (de revistas, livros, almanaques, enciclopédias) e de organizadores de exposições, congressos e conferências com propostas urgentes para que se incorporassem no dia-a-dia das pessoas as novidades da ciência e da técnica. Além disso, havia evidente preocupação com a circulação dos resultados dos andamentos dos estudos incluídos no cotidiano dos praticantes das ciências em diferentes tempos e espaços.

Shapin,² em seus estudos sobre a relação entre público e ciência, ressalta que existe uma história dessa relação que não pode ser desconsiderada. As experiências públicas com a eletricidade realizadas no século XVIII por Nöell,³ estudioso

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **As exposições universais**. Espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997 e SILVA, José Luis Werneck da. **As arenas pacíficas do progresso**. Tese de doutorado, Niterói: UFF / Departamento de História, 2 v., 1992, p.45.

² SHAPIN, Steve. Science and the Public. **History of Modern Science**, Londres: Routledge, 1990, p. 991-1007.

³ NOËL, Marie-France. Du Musée D'Ethnographie du Trocadero au Musée National des Arts et Traditions Populaires. **Muséologie et Ethnologie**. Paris: Editions de La Reunion des Musées Nationaux, 1987.

considerado por Turner,⁴ típico experimentador do período; o teatro anatômico que as universidades e colégios médicos empregavam, no século XVI, para melhorar a visão das demonstrações para os estudantes e curiosos; ou mesmo as sessões da Royal Society são exemplos que atestam os objetivos dessas experiências que buscavam o entretenimento como as **Nouvelles récréations physiques e mathématiques**, de 1772, muitas vezes aliados à busca de uma possível veracidade dos fatos científicos.⁵

Durante o período em estudo, é possível reconhecer uma mudança significativa na relação entre ciência e público, coisa que fica evidente com a “emergência da cultura de massas”.

Alguns autores reconhecem nas Exposições Universais um dos “pilares dessa nova cultura de massas”, sendo determinantes na definição das novas relações aqui mencionadas.⁶

Pesquisadores que se dedicaram à análise de periódicos como Ferreira,⁷ nos chamam a atenção para as relações entre negócios, política e ciência. Ao estudar os primeiros jornais médicos brasileiros, na primeira metade do século XIX, ele reconhece a presença de interesses comerciais, conflitos relacionados a disputas pela hegemonia política e o movimento de institucionalização e afirmação científica da medicina. Trata-se de fontes ricas de informações sobre as imbricações existentes nos projetos editoriais do período.

Combinando essas relações, a **Revue Scientifique (revue rose)** é um desses suportes para o historiador que se dedica à temática das exposições. Dirigida por Charles Richet e organizada a partir de diferentes seções – história das ciências, agricultura, química, antropologia, arte militar, biografias, demografia, ensino de ciências, indústria, higiene, correspondências, palestras, entre outros – a revista

⁴ TURNER, Gerard L' E. Éduquer par la voie de l'expérience. In: PYENSON, Lewis; GAUVIN, Jean-François. **L'Art d'enseigner la physique**. Les appareils de démonstration de Jean-Antoine Nöllet (1700-1770). Québec: Septentrion, 2002, p. 29.

⁵ RIDER, Robin E. El Experimento como espetáculo. In: _____. **The show of science**. New York: The Friends of the Brancoft Library, 1983, p.129.

⁶ LAFUENTE, Antonio; SARAIVA, Tiago Figueiredo. **Ciência, técnica e cultura de massas**. Madri: Centro de Estudos Históricos (CSIC), 1998, p. 31-38; BENSUAUDE-VINCENT, Bernadette. **Un public pour la science: l'essor de la vulgarisation au XIXe siècle**. Paris: Réseaux, 1993.

⁷ FERREIRA, Luiz Otávio. Negócio, política, ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. Os periódicos médicos e a invenção de uma agenda sanitária para o Brasil (1827-1843). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 11, (suplemento 01), n. 93-107, p.93-107, 2004.

dedicava-se também às exposições. E apresentava em sua lista de colaboradores Gaston Tissandier (1843-1899) fundador, em 1873, da revista **La Nature** e que assinou editoriais como “Pátria e ciência”; Camille Flammarion (1842-1925), que escreveu **A pluralidade do mundo habitado** (1862), **História do céu** (1872), **As terras do céu** (1877), **Astronomia popular** (1880), entre outros títulos; e Louis Figuier (1819-1894), autor de uma obra vastíssima para leigos, especialistas, homens, mulheres, crianças, curiosos e inventores. Dentre estes últimos, o químico francês Louis Figuier, fascinado pelas ciências, pelas indústrias, também se interessava pelas exposições – o caráter pedagógico formador de sua obra ressaltava uma espécie de “utopia científica” em que o homem para transformar a sociedade deveria saber um mínimo de ciências. Figuier considerava que o homem comum se deparava com as aplicações científicas, onipresentes, mas lhe faltava algo: conhecer as invenções e suas aplicações. Desta maneira era preciso fornecer os conhecimentos científicos às “massas” através da edição de obras de “ciência popular”.⁸ E para alcançar a todos, dever-se-ia adotar, segundo Figuier, o que ele chamava “método histórico”. Em **La Science enseignée par l’Histoire**, escrito entre 1851 e 1852, o químico afirmava que: “o procedimento histórico parece oferecer para o estudo dos fatos científicos uma utilidade incontestável. Conduz o leitor sem perigo de fadiga à sucessão de invenções... do mais simples ao mais complexo”.⁹

Tanto o químico Figuier como o escritor Julio Verne foram lidos por leitores de diferentes partes do mundo. Com suas diferentes utopias, ambos escreveram muito, para muitos públicos. Para se ter uma ideia, a primeira tiragem do **L’Année Scientifique et industrielle** (1856) de Figuier foi de três mil exemplares. Seis meses após a primeira edição, houve uma tiragem de outros seis mil e, em 1877, um total de 15 mil exemplares.

Em pesquisa realizada na França, em meados da década de 1960, com 4.716 jovens em idade escolar, constatou-se que entre os cinco autores mais conhecidos estava Julio Verne, ao lado de Racine e Zola.¹⁰ No Brasil, Gilberto Freyre,¹¹ em suas pesquisas

⁸ FIGUIER, Louis. **Le savant foyer et la vulgarisation scientifique au XIXe siècle**. Nîmes: Médiathèque du Carré D’Art, 1993, p. 10.

⁹ Ibid., p. 21.

¹⁰ MILO, Daniel. Les Classiques Scolaires. In: NORA, Pierre. (Org). **Les Lieux des Mémoires**. Paris: Gallimard, 1997, p. 2085-2130. v. 2.

¹¹ FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p.188. v. 1.

realizadas a partir dos relatos de pessoas que viveram a passagem do Império para a República¹² constatou que as mesmas pessoas, quando jovens, incluíram em suas leituras habituais, as obras de Julio Verne.

No entanto, a revista **Les Temps** fez questão de afirmar que era preciso fazer uma diferenciação entre tais impressos, e seus redatores tomaram os dois escritores citados – Figuiet e Verne – como exemplos. Segundo os editores: “[...] o senhor Julio Verne faz o romance da ciência; ele imagina uma fábula mais ou menos feliz em torno da qual agrupa fatos, documentando-os, algumas vezes, em cima de hipóteses”.¹³

Os estudiosos da comunicação científica na França, sem ignorar as iniciativas anteriores do final do século XVIII, localizam o ano de 1850 como a consolidação do que os franceses chamaram de “vulgarização moderna”, de um modo diferente de saberes. Tratava-se de uma preocupação que não era nova. Os membros do CNAM (Conservatório Nacional de Artes e Ofícios), em 1794, registraram na Convenção Nacional que decretou seu primeiro artigo que:



Será formado em Paris, sob o nome de Conservatório de Artes e Ofícios e sob a inspeção da Comissão de Agricultura e das Artes, um depósito de máquinas, modelos, ferramentas, descrições e livros de todos os gêneros das artes e ofícios. O original dos instrumentos e as máquinas inventadas ou aperfeiçoadas serão depositados no Conservatório.¹⁴

De fato, salta aos olhos como as novidades do século – as invenções, exposições, teorias – são recorrentes nos periódicos, e a diversidade de perfis de seus difusores e dos projetos editoriais.

As discordâncias sobre o alcance das obras (periódicos, romances etc.) eram muitas, como, por exemplo, quando a revista **La Science Moderne**, em 1891, afirmou

¹² “Alguns deles, barões do Império, senhores de engenho, fazendeiros do café, cônegos, médios, advogados, engenheiros, militares, comerciantes, caixeiros, operários, industriais, funcionários públicos, parlamentares, políticos, jornalistas, babalorixás, homens do mundo, mulheres das chamadas alegres, transmitiram-nos, já no fim de vidas longamente vividas informações preciosas sobre o antigo viver senhorial da gente brasileira. Outros, antigos escravos ou negros nascidos na época da escravidão, eram também indivíduos já muito gastos pelo tempo, quando os ouvimos; mas ainda lúcidos e com excelente memória...”. (FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. XIX e XX. V. 1.)

¹³ FIGUIET, Louis. **Le savant foyer et la vulgarisation scientifique au XIXe siècle**. Nîmes: Médiathèque du Carré D’Art, 1993, p. 14.

¹⁴ PAYEN, Jacques. The role of the Conservatoire National des Arts et Métiers in the development of technical education up to the middle of the 19th century. **History and Technology**, v. 5, p. 95-138, 1988.

que não existia na imprensa científica um jornal popular que não fosse “por seu título somente”.¹⁵

Embora compartilhassem de uma espécie de visão harmônica sobre as novidades das ciências, esses cientistas, preocupados com o alcance de sua obra, apresentavam métodos de transmitir para o público as suas conclusões.

Bensaude-Vincent, ao estudar o que chamou de “vulgarização científica” na França, no século XIX, apontou a importância de não perdermos de vista a diversidade e as especificidades dessas publicações. Ressalta, ainda, que ao analisar obras como as de Louis Figuier é possível identificar uma espécie de “programa de ação”. Consideramos que esse “programa de ação” está traduzido no projeto pedagógico de sua obra. Assim, é preciso não perder de vista que os projetos pedagógicos estão relacionados a projetos mais amplos. A carta de Eça de Queiroz a Camillo Castelo Branco, escrita em 1888, um ano antes da exposição francesa, propondo a fundação de uma revista “representativa do movimento intelectual português” é um exemplo disso. Segundo o escritor português,

...acima dos partidos, das escolas, dos currículos, de tudo quanto é limitado e transitório, a Revista de Portugal pretende ser a expressão fiel da nossa atividade na criação literária, na invenção artística, na investigação histórica, na observação científica, na análise crítica, em tudo quanto é domínio do espírito, ou imaginando ou estudando.¹⁶

Durante a segunda metade do século XIX, é possível identificar também na literatura brasileira temas ligados ao universo das ciências. Escritores como Machado de Assis, em **Dom Casmurro**, por exemplo, apresenta Bentinho desejoso de ver o futuro, traçado por sua mãe, alterado. Imaginava o imperador Pedro II – que a literatura consagrou como um “rei filósofo”¹⁷ – em conversa com sua mãe e aconselhando-a a não colocar o filho no seminário e sim na Escola de Medicina. Ali, segundo o mentor, Bentinho teria tão bons professores como os de qualquer país civilizado. Textos com referência constante à euforia pelo progresso foram escritos por Eça de Queiroz, como aquele que descreve o seu personagem Jacinto. O escritor afirma nunca haver conhecido homem mais civilizado. E, para justificar sua afirmação, explana:

¹⁵ Beguet, Bruno. Les Expositions Universelles. **La Science Pour Tous** (1850-1914). Paris: CNAM, 1990, p.75.

¹⁶ QUEIROZ, Eça de. A Camillo Castelo Branco. In: _____. **Correspondência**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1963, p. 149-150.

¹⁷ Cf. CALMON, Pedro. **O Rei Filósofo**: vida de D. Pedro II. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

Eu possuo preciosamente um amigo (o seu nome é Jacinto) que nasceu num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado... Era ele, de todos os homens que conheci, o mais complexamente civilizado – ou antes aquele que se munira da mais vasta soma de civilização material, ornamental e intelectual... o que, porém, mais completamente imprimia àquele gabinete um portentoso caráter de civilização eram os grandes aparelhos facilitadores do pensamento – a máquina de escrever; os autocopistas; o telégrafo Morse; o fonógrafo; o telefone; o teatofone, outros ainda, todos com metais luzídios, todos com longos fios. Constantemente sons curtos e secos reuniam no ar morno daquele santuário... Era o meu amigo comunicando. Todos esses fios mergulhados em forças universais, transmitiam forças universais...¹⁸

Em diferentes contos, cartas, e outros escritos, Eça falou sobre as exposições como a de Paris de 1867:

Naquele grande mercado do Campo de Marte, para onde todas as nações mandaram produtos da sua indústria, vêem-se perpassar todos os tipos de humanidade. O viajante pode estudar todos os usos e costumes; provar todas as comidas e ouvir todas as línguas e dialetos do mundo... A galeria das artes liberais... tudo ali se encontra. É um labirinto de astronomia, cirurgia, de livros com estampas, de instrumentos de precisão, de física, de geografia, de cosmografia...¹⁹

Na **Revue Scientifique (revue rose)**, em especial, a Exposição de Paris comparece nos anos de 1888, 1889 e 1890. Nos editoriais se faz notar “a crença no progresso da humanidade” e, não raro, ao se descrever as diferentes partes da exposição, percebe-se que o projeto da revista associa três ideais: “a crença no progresso, a comunhão dos povos e a ordem”.

Embora as exposições tenham estado presentes nas revistas científicas, nos livros e nos periódicos, especializados ou não, para o pesquisador que busca essa temática em publicações na América Latina, foi somente em 1985 que um projeto desenvolvido a partir de um encontro organizado pela Sociedade Latino-americana de História da Ciência e da Tecnologia para discutir temas relacionados à documentação é que algumas questões fundamentais foram levantadas. Foi nesta ocasião que se discutiram questões como o fato de a investigação científica no século XIX ser apresentada como uma atividade separada das outras manifestações culturais e a escassez de artigos sobre ciência e arte no âmbito latino-americano. Isto sem deixar de

¹⁸ QUEIROZ, Eça de. Civilização. In: _____. **Contos**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1963, p. 67-101.

¹⁹ Id. Textos do Distrito de Évora, 1868. **Imagens do progresso**. Os instrumentos científicos e as grandes exposições. Rio de Janeiro: Mast / MCT, 2001, p. 11 (catálogo de exposição).

lado os vários momentos em que foram elaborados catálogos sobre publicações do século XIX, como o **Catalogue of Scientific Technical Periodicals 1665-1895**, realizado pelo Smithsonian Institute. “A maioria dos 103 periódicos deste século inclui as ciências com a política, a instrução, a literatura e a arte”, dizem Elza Blasquez e Carmen Iturriaga.²⁰

Até então o que se pode constatar é que os catálogos organizados pouco mencionavam a produção mexicana, por exemplo. Para se ter uma ideia, o catálogo de Henry Bolton do Smithsonian, de 1897, confirmava a existência de 8.603 tipos de periódicos – somente dois publicados no México. Em 1960, publicou-se no Chile um índice bibliográfico de revistas hispano-americanas (1843-1935), em que, logo na introdução, fica clara a ausência de inventários desse tipo a falta de informação sobre as revistas por parte dos organizadores do catálogo:

A História da atividade intelectual na América Latina está dispersa e quase como informada nas revistas. Uma fonte importante é a *The Hispanic American Historical Review*, que entre os anos de 1919 e 1920 realizou um levantamento de publicações na América Latina.²¹

Este exemplo é expressivo para compreendermos o que se passou até a década de 1980 com os trabalhos de pesquisa realizados na e/ou sobre a América latina, e confirma a análise de Lafuente de que:

[...] a bibliografia internacional especializada silencia o passado que no melhor dos casos não passa de nota erudita ou também, com frequência, a manifestação de um processo de ‘transbordamiento’ da cultura europeia que introduz critérios de demarcação entre o antigo e o moderno na história de nossos países.²²

As Exposições Universais, temas desses periódicos, ainda não foram submetidas a uma análise detalhada. No entanto, ao serem analisadas, ainda que superficialmente, também sofrem com esse tipo de tradição de abordagem, situação que somente a partir dos anos de 1980 começou a se modificar.

²⁰ BLASQUEZ, Elsa Barberena; ITURRIAGA, Carmen Block. Publicaciones periódicas científicas y tecnológicas mexicanas del siglo XIX: un proyecto de bases de datos. **Quipu**, v .3, n. 1, 1996 (Catalogue of Scientific Technical Periodicals 1665-1895/1996, p. 8).

²¹ Um exemplo foi a publicação de fevereiro de 1920, v. III, n.1, com um setor dedicado aos jornais brasileiros com dados sobre tiragem, preço, entre outros.

²² LAFUENTE, Antonio. La Ciencia periférica y su especialidad historiográfica. El perfil de Ciencia en América. In: SALDAÑA, Juan. (Org.). **Quipu**, México, v. 1. Sociedad Latino-americana de Historia de las Ciencias y de la Tecnología, p.31-40, 1986.

Ainda no caso da **Revue Scientifique**, ao descreverem a exposição francesa, seus textos parecem estar impregnados do que o historiador Georges Duby chamou de “esquema cultural cristão”, segundo o qual o leitor é aprisionado e impregnado pelo princípio de que a humanidade está “em marcha para a terra prometida”.²³

A ideia que a Exposição de Paris de 1889 é o lugar de reunião de sábios de todos os países que, em harmonia e solidariedade, têm como único objetivo o progresso da humanidade, se faz notar neste editorial da **Revue Scientifique**:

Franceses, ingleses, alemães, italianos, nós temos cada um de nós nossa língua materna, é preciso abandonar a ideia de uma linguagem científica de cada país... palavras como telégrafo, fotografia, selenium, micróbio, são termos que aparecem em todas as línguas... Procuramos unificar mais e mais os termos científicos; na política é possível praticar isoladamente mas na ordem científica é um absurdo. Precisamos da reciprocidade e fazemos dessa reciprocidade uma condição necessária... Os congressos científicos testemunham de uma maneira explícita a vontade cada vez maior que parte das nações europeias de renunciar às rivalidades mesquinhas de um patriotismo esclarecido.²⁴

A museografia da Exposição de Paris de 1889 pode ser lida nas descrições dos pavilhões. Dirigida a um público letrado e especializado, pode-se ter acesso a muitos deles, como o das florestas: “A grande especialidade dos castanheiros são as estacas e a oficinas de fósforos; árvores ornamentais; massa de papel; o carvão, bom para pólvora e caixas de madeira”.²⁵

Os elogios a essa seção foram registrados mais de uma vez na revista:

[...] as essências são agrupadas por ordem natural, segundo as famílias vegetais, e para cada essência apresentam-se diferentes tábuas de madeira sob a forma de prancha em várias dimensões e, em seguida uma série de objetos fabricados de madeira... ‘O ácido acético representa ainda um derivado importante da madeira, e sabe-se que esse ácido é muito importante para as indústrias’.²⁶

Nessa seção, não faltaram os instrumentos científicos. Ressalta uma coleção, segundo o autor, *belíssima*, de 400 microscópios de madeira... e se termina afirmando que não existe exposição na qual o conjunto satisfaça tanto ao olhar e os detalhes sejam

²³ DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. Marx e a água do banho. In: _____. **Diálogos sobre a Nova História**. Lisboa: Dom Quixote, 1980, p. 124.

²⁴ VARIGNY, H. de. Le Pavillon de Fôrets. **Revue Scientifique**, n. 19, 1889.

²⁵ Ibid., p. 16.

²⁶ Ibid.

tão elegante e inteligentemente agrupados. Para Vargny, “é uma pena que semelhante museu seja destinado a desaparecer em pouco tempo”.²⁷

Georges Petit dedica uma seção da revista à produção do papel. Ali, é possível ler o processo de transformação, o tratamento e o funcionamento das máquinas: “Para tal, faz-se acumular o papel em volta de um certo número de grossos cilindros vazios, aquecidos interiormente com a ajuda de um jato a vapor”.²⁸

A seção dedicada às Forças Armadas francesas ganhou muitas páginas. Os objetos pertencentes ao Pavilhão do Ministério da Guerra na Esplanade des Invalides, segundo a revista, não se concentraram apenas em um lugar. Para o autor do artigo, a exposição militar estava em tudo: conservas militares; ambulâncias; modelo de balão; fuzis e canhões idealizados por engenheiros militares e inventores.²⁹ Neste mesmo ano de 1889, a revista citava os trabalhos de astronomia de Baillaud, desenvolvidos no Observatório de Toulouse; a teoria de ótica, conhecida por *Kératoscopie de Cuignet*; os trabalhos de Terquem sobre eletricidade a propósito da Torre Eiffel; de química orgânica de Daniel Berthelot, entre outros.³⁰

Em todos os números, foram relatados os trabalhos apresentados na Academia de Ciências de diferentes países. Outras seções se sucedem como a do pesquisador Fliche, paleontólogo, que escreve sobre fósseis encontrados na cidade de Oran, em 1888. Em março daquele ano, Fliche registrou na revista um congresso científico organizado pela Associação Francesa para o Avanço das Ciências, com seção também na cidade de Oran, na Argélia. Ali, a conferência de Laussedat fala “da influência civilizadora das ciências aplicadas às artes e à indústria”. Citando a Argélia como pátria adotada e ressaltando que os franceses não a descobriram, o autor cita Charles Tissot, diplomata e geógrafo africano recentemente falecido, dedica-lhe as seguintes palavras:

Nós conquistamos a África pelas armas... temos direito de nos glorificarmos, pois após ter destruído a pirataria no Mediterrâneo, onde a existência no século XIX é uma vergonha para a Europa inteira, agora temos outra missão, não menos meritória, de fazer penetrar a civilização num país que ficou para trás, ainda ligado aos costumes da Idade Média.³¹

²⁷ VARGNY, H. de. Le Pavillon de Fôrets. **Revue Scientifique (revue rose)**, p. 19, 1889.

²⁸ PETIT, Georges. Le Papier. **Revue Scientifique (revue rose)**, n. 19, p. 81-82, 1889.

²⁹ PETIT, Georges. Le Papier. **Revue Scientifique**, n. 19, p. 755, 1889.

³⁰ Ibid., p. 760.

³¹ PETIT, Georges. Le Papier. **Revue Scientifique**, n. 19, p. 385, 1889.

Ademais, afirma que os franceses que compartilhavam da mesma opinião estavam convencidos que mais do que à França eles serviam à humanidade. Exemplo disso seria a criação da primeira escola manual, o germe das escolas de artes e ofícios francesas, criada pelo duque de La Rochefoucauld-Liancourt antes de 1789, referindo-se às reformas implementadas pela Revolução de 1789.³² Como complemento, o autor lista as escolas técnicas e de agricultura que podiam ser encontradas em todo o território francês.³³

Ao mencionar os pressupostos integradores da ciência humboldtiana, Laussedat ressalta o exemplo dos EUA, mencionando a Guerra de Secessão ocorrida 20 anos antes como prova de que o trabalho livre e as máquinas fazem duplicar a produção.

[...] a civilização, eu não me canso de repetir, depois de Humboldt, é doravante fundada sobre o conhecimento aprofundado de todas as forças da natureza, e os povos, os mais avançados são aqueles que sabem os meios para utilizá-los. Deixe-me vos citar pela última vez a América, onde os estados do norte, que são essencialmente industriais, conseguiram impor sua vontade ao do sul, que eram sobretudo agrícolas e que se tornaram industriais. Sejais agricultores e viticultores, não deixem de ser, mas não esqueçam que a indústria é a alma, ou para manter o tom do discurso, é a grande mola da civilização moderna.³⁴

O exemplo da experiência norte-americana sempre volta à baila, o que importava era acentuar a vitória exemplar de um segmento da população ligado ao mundo capitalista. Mas a ênfase está nos exemplos franceses, como o CNAM, “a Sorbonne da indústria”, como um dos locais mais populares e úteis. Em documento de 1794, ficava claro que: “No Conservatório haverá uma sala de exposição onde todas as invenções novas estarão expostas. Este meio, absolutamente parecido como que se pratica no Louvre para a pintura e a escultura, nos parece próprio a fecundar o gênio...”³⁵

Outra seção que ocupa lugar privilegiado na revista é a dos congressos científicos. Os resultados de conferências aparecem como “trabalhos públicos”. Os

³² PETIT, Georges. Le Papier. **Revue Scientifique**, n. 19, p. 390, 1889.

³³ Ibid., p.760.

³⁴ Ibid., p. 399.

³⁵ TOLSTOPIATOW, M. P 707-725 Les Hypothèses et la science (discurso pronunciado na Sociedade de naturalistas de Moscou). **Revue Scientifique**, n. 23, p. 207, 1889. Convention Nationale. Instruction Publique. Rapport sur l'établissement d'un Conservatoire des Arts et Métiers par Grégoire. 29 Septembre. Imprimé par ordre de la Convention Nationale.

congressos eram concebidos pelos organizadores das exposições como local de congregação dos “homens de todas as competências”. Para exemplificar, citaremos o artigo dedicado ao Congresso Científico organizado pela Sociedade de Naturalistas de Moscou – “As Hipóteses e a Ciência”.³⁶ O naturalista Tolstopyatov tem o discurso sobre as ciências experimentais e descritivas transcrito, por ocasião das comemorações dos 80 anos da referida Sociedade. Em seguida, no mesmo número, o leitor se depara com uma coluna sobre História das Ciências, em que Leonardo da Vinci é apresentado como um biólogo do século XV, para, em seguida ter acesso à coluna sobre botânica de Henri Jumelle, com uma tese da faculdade de Ciências de Paris sobre as pesquisas fisiológicas no desenvolvimento das plantas. Os artigos se alternam com as seções sobre a Exposição de Paris de 1889: o petróleo, as madeiras, as locomotivas, as invenções francesas, o tabaco, as máquinas de fabricar gelo.

O objetivo dos organizadores da exposição francesa era apresentar ao público os estágios das indústrias, expondo o aperfeiçoamento das máquinas, além das novas criações. O esqueleto humano, apresentado como uma máquina – a primeira – está presente e posto a serviço do cérebro humano; as dificuldades e estratégias de sobrevivência do homem desde a “Idade da Pedra”, passando pelos laboratórios dos alquimistas, até as conquistas científicas mais recentes.³⁷

Tudo passa pelo crivo da história retrospectiva, porém com um impulso maior quando se trata da França pós-revolução de 1789.

Seção não menos interessante é a de “Correspondência e Crônica”. Em 1889, com o título de **Grippe ou Dengue**, o cronista refaz o percurso da dengue até chegar em Paris, citando as condições climáticas que favorecem o surgimento da doença, entre outros.

Os caminhos de ferro são quase uma seção à parte na **Revue Scientifique**, aparecendo em quase todos os seus números. Sem fugir à regra, faz-se uma retrospectiva dos meios de transporte; o material utilizado para a construção dos caminhos de ferro; os princípios mais recentes utilizados como o sistema de Woolf ou Compound, que consistia em não deixar perder inutilmente o vapor na atmosfera fazendo com que ele fosse reutilizado. São exemplos de locomotivas norte-americanas,

³⁶ Varigny, H. de. Le Pavillon de Fôrets. **Revue Scientifique**, n. 19, 1889.

³⁷ Ibid., p.187.

inglesas e francesas. Em diferentes seções, são mencionados dados sobre as locomotivas e as ligações entre as regiões do globo.

Nas seções de Geologia, o petróleo ganha lugar de destaque. Dedicam-se grande parte das páginas de cada edição ao uso e futuro sucesso do emprego e exploração do petróleo. A exposição conteria produtos ao mesmo tempo úteis às sociedades comerciais e industriais como apresentaria figuras e plantas com o objetivo de divulgar a importância do petróleo nas diferentes partes do mundo. Por exemplo: A matéria “Na América, a Standard Oil Company possui 6.000 quilômetros de canalização”³⁸ faz uma descrição que privilegia a história do petróleo, utilizando recursos gráficos variados como as vistas panorâmicas, descrição dos usos e aplicações na indústria. Somos levados à seguinte pergunta: de onde vem o petróleo? Segundo o autor, as teorias são muitas e variadas... e segue-se uma série de explicações possíveis, com direito à menção de uma obra de referência de Ch. Marwin **The Region of the Eternal Fire**, publicada em Londres.

Contudo, é G. Petit, ao fazer a descrição da presença do gás na exposição de 1889, quem nos permite reconhecer nela certa museografia, quando privilegia as ambientações. Mesmo como concorrente da eletricidade, o autor afirma a importância do gás na vida das pessoas e a seção da revista faz um histórico das exposições anteriores (desde 1878, quando foi organizada pela Sociedade Técnica da Indústria do Gás na França, em parceria com a Companhia Parisiense de Gás), dando preferência a deixar de lado os aspectos ligados à fabricação e optando por apresentar sua utilidade e aplicação. Depois de copiosa relação numérica sobre a indústria do gás e da iluminação das vilas, o autor inicia a descrição que nos interessa. É como se o leitor estivesse percorrendo aquele pavilhão próximo à Torre Eiffel, do lado norte, na borda de um pequeno lago. O pavilhão assume um aspecto de rica habitação moderna no estilo renascentista que assegura a higiene e o conforto: “o interior apresenta a casa de habitação completa... a sala de jantar, o gabinete de trabalho... que nós vamos acompanhar nos detalhes...”³⁹ Há uma cozinha equipada com diferentes aparelhos industriais, e somos informados sobre consumo, com esclarecimentos sobre gastos. Sem deixar de fazer uma retrospectiva, o texto fala dos primórdios da lâmpada (a romana)

³⁸ VARGNY, H. de. Le Pavillon de Fôrets. **Revue Scientifique (revue rose)**. 1889, p.372.

³⁹ Ibid., p. 241.

até aqueles dias (com o gás). Há uma classificação por épocas, da biblioteca iluminada por 12 bicos de gás, coisa que confere uniformidade à iluminação, às vitrinas, ao imenso salão de festas! Além desses ambientes, a descrição do apartamento montado com os benefícios do gás e a ênfase no banho de hidroterapia merece destaque, mas é a Torre Eiffel que se destaca nas referências à exposição. “Na Torre Eiffel, sob aquela atenção do mundo inteiro estão fixados, 4. 000 bicos de gás, e este gás é o que alimenta os aparelhos de aquecimento das cozinhas situadas na primeira plataforma dos restaurantes”.⁴⁰

Depois do gás, o assunto que ocupou espaço considerável na revista foram os resultados de trabalhos em Zoologia – vários números referem-se às viagens científicas do *Hirondelle*,⁴¹ barco do príncipe de Mônaco que tinha como objetivo trazer para o principado informações sobre zoologia e hidrografia. Houve, inclusive, na Exposição de 1889, um pavilhão dedicado ao principado de Mônaco, com as espécies de peixes e crustáceos estudados por Guerreen, Cherveux e Dollfus, e moluscos dos Açores descritos por Dautzenberg. Ênfase na importância de uma alimentação à base de peixes e alguns artigos sobre piscicultura. Descrição da exposição de instrumentos do *Hirondelle*, com destaque para o dinamômetro, que servia para retirar animais das profundezas – descrições pormenorizadas de seu funcionamento.

Em outubro, a revista apresenta um quadro das grandes invenções francesas, começando pelo sistema métrico, instituído em 1790 pela assembleia nacional, o aerostato de hélice propulsiva, a navegação a vapor, a máquina a gás, entre outros, e uma listagem de seus inventores “mais ilustres”. A indústria francesa é o seu tema de abertura: “A Mecânica Geral na Exposição Universal de 1889”. O editor dirige-se aos senhores e senhoras leitoras, propondo uma conversa sobre mecânica geral, na qual se explanam os grupos, as classes e os objetos ligados àquela seção. Todas as máquinas expostas estão lá explicadas e separadas para melhor compreensão do futuro visitante.⁴²

A Geografia constava em diferentes seções. Numa delas, sobre seu ensino, detalha os avanços na área e o que já tinha sido editado para facilitar o desenvolvimento da disciplina: atlas, globos, dicionários, com destaque para as casas editoriais como a Hachette, que utilizou para a atualização de suas edições as informações dos viajantes

⁴⁰ VARIGNY, H. de. Le Pavillon de Fôrets. *Revue Scientifique (revue rose)*, p. 241, 1889.

⁴¹ *Ibid.*, p. 719-721.

⁴² *Ibid.*, p.449-460.

que percorreram diferentes partes do globo. Além desse material específico, em outras seções da revista aparecem referências ao material cartográfico de caminhos de ferro e de canais, realizado por Schelle, Beaurin-Gressier e Keller. Outras edições relacionadas à Geografia eram os álbuns de engenheiros acompanhados da cartografia estatística, como o do engenheiro Cheyson.⁴³

O IMPÉRIO DO BRASIL NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Ao analisarmos os volumes documentais da **Revue Scientifique** correspondentes aos anos de 1888, 1889 e 1890, vemos que a coleção não registra, na maioria de suas páginas, a presença da América Latina. Neles, não se dá muita atenção ao Império do Brasil, salvo a notícia sobre a queda do mesmo e a instalação da República e alguns dados estatísticos dos países latino-americanos – não há menção sequer em vários números seguidos ao México ou ao Chile, entre outros, que estiveram presentes em todas as exposições universais da segunda metade do século XIX. Mas na seção “Crônica”, a revista reserva um espaço para “O Brasil em 1889”. Ali, o autor cita, explicitamente, a obra de Santa-Anna Nery⁴⁴ e colaboradores, ressaltando sua importância, seus quadros estatísticos e gráficos que “dão a ideia muito fiel” da situação do Brasil naquele momento, com comparações das dimensões do Brasil e as da Rússia, afirmando que o ex-império, naquele momento República Federal, possuía uma divisão territorial tal que certas províncias eram maiores que vários países da Europa. Além disso, parte do artigo dedica-se à comparação da extensão de cada província com diferentes países, ressaltando que a maior parte das províncias era litorânea; fornecendo dados sobre as populações locais, destacando o número de habitantes, sublinhando que a maioria é constituída de mulatos e negros. Cita-se brevemente que os negros não eram mais escravos.

⁴³ HEMENT, F. La Géographie a L'Exposition Universelle. Le Matériel de L'Enseignement Géographique. **Revue Scientifique (revue rose)**, p. 53, 1889.

⁴⁴ Esta obra foi publicada sob os cuidados da comissão franco-brasileira para a Exposição Universal de Paris e redigida por um grupo de escritores brasileiros coordenados por M. F. J. Santa-Anna Nery. Contém 700 páginas, um mapa do Brasil em três cores, além de gráficos e outros dados.

O artigo elogia, ainda, os progressos no setor educacional e destaca as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia; a Escola Politécnica do Rio de Janeiro e a Escola de Minas de Ouro Preto:⁴⁵

M. de Santa-Anna Nery publicou, em colaboração com outros autores brasileiros, uma obra importante, com tabelas de estatísticas e gráficos, que dão uma ideia real e fiel da situação atual do Brasil e dos progressos realizados por aquele país desde muitos anos... Os principais estabelecimentos de ensino superior são: as duas faculdades de Direito de São Paulo e de Recife; as duas faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia; a Escola Politécnica do Rio de Janeiro e a Escola de Minas de Ouro Preto.⁴⁶

Dois momentos ganham destaque na revista: o crescimento do país a partir da transição para a maioria de Pedro II e o momento da imigração europeia (1887) pelos portos de Santos, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Bahia e Paraná. Instituições como o Imperial Observatório do Rio de Janeiro, o Museu Nacional, A Escola de Minas de Ouro Preto, entre outros, estavam presentes na figura de seus diretores ou pesquisadores que assinaram artigos específicos sobre suas áreas.

Além de tudo, tais instituições assinavam a **Revue Scientifique (revue rose)**, que possuía um perfil diferente da **Revue des Deux Mondes**, que era lida na corte – e a preferida do imperador Pedro II, segundo alguns pesquisadores⁴⁷ – e permitia ao visitante não especialista e que não atravessou o Atlântico também visitar a exposição francesa de 1889.

A **Revue des Deux Mondes**

...tornara-se leitura habitual do imperador e ‘principal alimento espiritual dos estadistas brasileiros’. Tinha no Brasil o maior número de seus assinantes fora da França. Propalava-se que era a única leitura do conselheiro Saraiva; D. Pedro, sabendo disso, afirmou categórico: é quanto basta.⁴⁸

⁴⁵ Ver José Murilo de Carvalho (**A Escola de Minas de Ouro Preto. O peso da glória**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002); a instituição foi objeto de estudo do historiador fazendo parte de uma nova abordagem da história institucional no Brasil. Recentemente, confrontar Dantes (DANTES, Maria Amélia. (Org.). Uma história institucional das ciências no Brasil. In: _____. **Espaços da Ciência no Brasil (1800-1930)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001), com a dimensão do estado-da-arte das pesquisas nesta área.

⁴⁶ CHRONIQUE.Le Brésil em 1889. **Revue Scientifique (revue rose)**, p. 765, 1889.

⁴⁷ SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

⁴⁸ Ibid., p. 227.

Fundada em 1829 por Mauray e Segur Dupeyron, a **Revue des Deux Mondes** tornou-se, segundo Werneck, um órgão da literatura oficial. O autor ainda assinala que alguns a definiam como “repertório de banalidades”, juízo partilhado por ele. O sucesso da revista entre os letrados no Brasil se devia ao fato de que o “que vinha da França deslumbrava os nossos homens de letras, ao tempo.”

Ao focalizarmos estes mesmos anos de 1888, 1889 e 1890, nos deparamos com a seguinte organização interna: eram revistas bimensais, por vezes trimensais, que encadernadas perfaziam um total de mil páginas.

As demais revistas tratavam de assuntos variados, porém, de forma bem diferente da **Revue Scientifique (revue rose)**, pois esta era escrita por especialistas de diferentes áreas: música, literatura, religião, artes plásticas, só para citar algumas seções da mesma.

Quando da organização da exposição francesa de 1889, esses assuntos foram abordados em sua relação com o evento. Assim, encontramos títulos de matérias como: “A Música na Exposição”;⁴⁹ “As Artes Liberais”; “A História do Trabalho na Exposição”; “A Torre na Exposição”, entre outros exemplos.

Partilhando da mesma opinião da **Revue Scientifique (revue rose)**, a **Revue des Deux Mondes** considera o evento um “*magasin* de ideias”, considerando este tipo de publicação facilitadora da comunicação, “a troca entre as raças”.

Suas descrições são reveladoras. Diferente da **Revue Scientifique (revue rose)**, o leitor que não é um iniciado nas ciências compreende o que lê.

Como já dissemos, segundo Pascal Ory, a Exposição de 1889 “é de todas a mais histórica”. Podemos afirmar, inclusive, que todas as apresentações museográficas obedeciam a uma espécie de reconstituição da história; se o assunto era armamento militar, optava-se por uma retrospectiva desde a “pré-história” das armas.

Duas exposições merecem destaque:

A Exposição Retrospectiva do Trabalho e das Ciências Antropológicas dividida em 4 partes: arqueologia e ciências antropológicas; artes liberais; meios de transporte; artes e ofícios e a segunda foi a Exposição Retrospectiva da habitação humana: com 44 reconstituições de habitações da pré-história ao Renascimento.⁵⁰

⁴⁹ BELAIGUE, M. Camille. La Musique et L’Exposition. **Revue des Deux Mondes**. 1889, p.456.

⁵⁰ BARBUY, Heloisa. **A Exposição Internacional de 1889 em Paris**. Visão e representação na sociedade industrial. São Paulo: Loyola / Edusp, 1999, p. 52.

A descrição da retrospectiva da história do trabalho pela **Revue des Deux Mondes** chama a atenção, pois o artigo inicia “convidando” o leitor – que, logo na entrada, se depara com um Buda dourado de madeira – a perceber o objetivo daquela “acolhida”. O Buda, explica ele, pretende alertar aos visitantes que não se esqueçam de que é preciso ter cuidado com o orgulho, que as verdades são aparentes, as certezas absolutas são raras e devemos aceitar o espírito da dúvida.

Em seguida, o visitante depara-se com uma exposição de crânios e esqueletos que são parte da seção de etnografia e de antropologia: “o prefácio da história humana”. Ali, um gorila dá boas-vindas “paternalmente” à série dos tempos. Nesse local, o visitante encontra etiquetas explicativas da “ordem dos primatas”. Trata-se do momento em que o homem industrioso se diferencia de animais como o castor, por exemplo. Nada é afirmado de modo definitivo nas vitrines nem nas etiquetas, muito menos quanto ao parentesco do homem com o gorila – “tudo é disposto para nos persuadir”. A última seção relata os primeiros ensaios do daguerreótipo, da fotografia, do telégrafo, permeada de metáforas mineiras que remontam ao carvão como fonte viva da indústria:



As ideias, as obsessantes ideias nos chamam nas galerias. Elas habitam lá como o carvão dentro do poço da mina, solicitando que o minerador a extraia para que se faça um pouco mais de luz. Entremos nas galerias para procurar os materiais que clareiam nosso próximo entretenimento.⁵¹

A **Revue des Deux Mondes** dedicava parte de sua produção aos congressos e um número considerável de artigos à Astronomia. O Congresso de Astronomia realizado durante a exposição pretendia não só apresentar os objetos utilizados pelos que se dedicavam a essa prática como também uma espécie de esforço em apresentá-la como científica, especialmente ligada à antropometria e à fisiologia. É importante frisar o lugar especial dedicado às fotografias panorâmicas tiradas com recursos técnicos especiais; os panoramas presentes na exposição de Paris acabam por sintetizar uma forma de ‘museografar a história’.

Neves, em seu texto sobre “Panoramas”, afirma “que o artista procura multiplicar o foco do que desejava capturar, trazendo para a tela não apenas um ângulo

⁵¹ VOGUE, Eugène-Melchior de. [Sem título]. **Revue des Deux Mondes**, 1889.

da paisagem, mas toda a visão possível, de forma a permitir ao espectador envolver-se no que observava”.⁵²

Nessa visão, que tenta abarcar toda a história, ou seja, a ideia de que o passado pode ser reconstituído, a metáfora do panorama pode ser evocada, e está presente anos antes em Michelet, quando esse defende a possibilidade “da ressurreição do passado integral”.⁵³

...que entre os sete panoramas exibidos na Exposição de Paris de 1889 um deles pintado por Alfred Stevens e Henri Gervex, intitulava-se ‘A História do século’ e apresentava, no cenário das Tuileries, uma sequência de episódios históricos e um interminável desfile de personagens ilustres, que pretendia pôr diante do observador o desenrolar da história, desde a Revolução Francesa.⁵⁴

Compreendida pelos editores como guia da humanidade, a Exposição de Paris podia ser visitada por homens letrados que não precisavam, necessariamente, se deslocar do Império do Brasil ou das repúblicas latino-americanas, bastando para isso percorrer as páginas das revistas, buscando as novidades dos países ditos civilizados.



... nesses espaços o fetichismo da inovação industrial se junta à convicção herdada de Augusto Comte de que a história teria um sentido e de que a humanidade caminha para uma era positivista... Os espaços se autoconceberam como guias da humanidade e se encheram de signos que representavam essa ideia, como foi o edifício mais emblemático de todas as exposições, a Torre Eiffel.⁵⁵

Chaos monumental... A Exposição de Paris de 1889 simbolizava tudo que poderia facilitar a comunicação entre os povos “desde os seus rudimentos, suas obscuras origens, concluindo que ela não é somente uma revista retrospectiva, ela é um ponto de partida de uma infinidade de coisas”.⁵⁶ (destaque nosso)

Buscamos compreender, ao analisarmos as Grandes Exposições da segunda metade do século XIX, como se formou o imaginário de homens, mulheres e crianças que nunca tinham saído do Brasil e se consideravam visitantes dessas exposições.

⁵² NEVES, Margarida de Souza. Panoramas. **Visões do Rio na Coleção Geyer**. Petrópolis, Museu Imperial / CCBB, 2000, p. 27.

⁵³ BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **Les Écoles Historiques**. Paris: Seuil, 1997, p.160-180.

⁵⁴ Ibid., p. 28.

⁵⁵ LÓPEZ-OCÓN, Leôncio C. La exhibición del poder de la ciencia. La América Latina en el escenario de las Exposiciones Universales del siglo XIX. In: MOURÃO, José; et al. (Orgs.). **O mundo ibero-americano nas Grandes Exposições**. Évora: Vega, 1998, p.70.

⁵⁶ **REVUE des Deux Mondes**, p. 930-944, 1889.

Machado de Assis, por exemplo, escreveu na imprensa sobre as exposições sem ter ido a nenhuma delas fora do país.

A semana passada foi das mais fartas em notícias. Encerrou-se a Exposição Nacional, mas este fato passou despercebido, tão em família, que nada deixava dizer a respeito. Caberia aqui exortar o tribunal julgador dos objetos apresentados a bem cumprir seu dever, tendo principalmente em vista os interesses e o crédito do país... tenho para mim que esta primeira participação séria que o Brasil toma na festa industrial de Londres é de alcance elevado, e suponho que, como eu, estarão todos convictos disso.⁵⁷

Alguns anos depois, outro escritor descreveria a Exposição de Paris de 1867, ressaltando vínculos indissolúveis entre progresso, indústria e educação.

Naquele campo de Marte, para onde todas as nações mandaram os produtos da sua indústria, veem-se perpassar todos os tipos de humanidade. O viajante pode estudar todos os usos e costumes; provar todas as comidas e ouvir todas as línguas e dialetos do mundo. Há pessoas que perguntam o que vem a instrução pública fazer ao campo do concurso industrial. Ao que nós responderíamos que tratar dos produtos do progresso da inteligência sem demonstrar as causas é querer plantar árvores sem olhar as raízes.⁵⁸

A **Revista Ilustrada**, por exemplo, ao comentar em 1888 a realização da Exposição Preparatória para a de 1889, em Paris, dava como certa, equivocadamente, a não-participação do Império na festa francesa:

[...] está definitivamente resolvido que o Brazil não concorrerá à grande Exposição de Pariz, de 1889. As monarchias fizeram greve contra o certamen civilizador e o Brazil acompanhou-as, esquecido de que com isso se prejudicava muito.

Era de todo o interesse para nós apparecer n'esse rende-vouz da civilização, apresentando ao mundo as nossas riquezas, pois a verdade é que se muitos paizes não concorrerem oficialmente, nem por isso, os seus industriaes e homens de sciencia se absterão de lá ir.

Mas o governo entendeu que deve economisar alguns magros contos, quando nos seria útil, mesmo à custa de um empréstimo, comparecer n'essa festa do progresso.

Algumas províncias teem querido fazer-se representar, mas os próprios presidentes se teem opposto. Resta ver se São Paulo será a honrosa excepção, desta má vontade pequena.⁵⁹

O alvo principal desta notícia era o público não especializado e, uma análise mais atenta pode fornecer ao pesquisador subsídios para compreender quem era o

⁵⁷ ASSIS, Machado de. *Diário do Rio de Janeiro*. 1862. **Imagens do progresso. Os instrumentos científicos e as grandes exposições**, 2001, Rio de Janeiro: Mast / MCT, p. 11 (catálogo de exposição).

⁵⁸ QUEIROZ, Eça de. *Textos do Distrito de Évora*, 1868. *Ibid.*, p. 13.

⁵⁹ **REVISTA Ilustrada**, n. 48.

público leitor na província do Rio de Janeiro. De fato, os grupos e seus projetos estão de alguma forma presentes nestas revistas. Ao contrário da **Ilustrada**, e reveladora da afirmação acima, **O Auxiliador da Indústria Nacional**, periódico oficial da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, publicava as “boas notícias”, segundo seus sócios e colaboradores, sobre a participação do Império na referida exposição. Esta revista começou a ser editada em 15 de janeiro de 1833, e permaneceu noticiando memórias, tabelas, notícias transcritas do **Jornal do Commercio**, artigos estrangeiros e nacionais, atas, relatórios, pareceres, entre outros, até 1892. Durante as décadas de 1880 e 1890, a maioria de seus leitores era formada por fazendeiros que se julgavam “homens industriais”.

Desde a década de 1830, o Auxiliador já pregava sua defesa das vantagens da máquina sobre o trabalho manual, a exemplo da Inglaterra, e descartava qualquer possibilidade de o país crescer mantendo o trabalho escravo. Para seus sócios, era preciso combinar “trabalho, inteligência e ciência”. Tratava-se de um jornal em forma de revista, segundo Sodré,⁶⁰ muito comum na época. Em seu conselho administrativo, nas comissões, havia membros que pertenciam, inclusive, a redações de jornais, programas que publicavam memórias e relacionavam matérias de jornais brasileiros e estrangeiros para transcrevê-los. Vendido em lojas como na Laemmert, na rua da Quitanda, De Souza, na rua dos Latoeiros, e De Lorena, na Ouvidor (todas elas na província do Rio de Janeiro), o jornal tratava de assuntos diversos. Salta aos olhos, no entanto, a referência constante que costumava chamar “amarga análise do país”.⁶¹

Alternando, especialmente em seus primeiros números, os assuntos – emprego de máquinas na agricultura e a construção de estradas de ferro, os senhores de terra e a imigração –, os leitores e assinantes podiam acompanhar como um segmento expressivo dos homens letrados do Império do Brasil se autoconcebiam como membros de uma comunidade afinada com os valores comuns a outros países e, ao mesmo tempo, como este país se diferenciava das repúblicas latino-americanas. Estes homens letrados do Império do Brasil, parte constitutiva do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) e da Sain (Secretaria de Assuntos Internacionais, do Ministério da Fazenda),

⁶⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.141.

⁶¹ Ibid., p. 146.

partilhavam da mesma concepção de Nação, que se traduzia no “desdobramento nos trópicos de uma civilização branca e europeia”.⁶²



www.revistafenix.pro.br

⁶² GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional. **Revista Estudos Históricos**, n.1, p. 8., 1988.